

DO IMPROVISO AO ESPETÁCULO: QUATRO VOZES, DIFERENTES SONS NUM MESMO TOM

João Luis Pereira Ourique (UFPel)

Juliana Braga Mesquita (UFPel)

Em virtude da realização do *Seminário Teatro e Literatura: entre o texto e o espetáculo*, evento que congregou vários palestrantes e oportunizou espaço para palestras e oficinas voltadas para a necessária relação dialética entre essas áreas, foi produzida e dirigida uma peça apresentada no auditório Carlos Reverbel do Instituto João Simões Lopes Neto, local da realização do seminário, como última atividade do evento¹⁹. A produção da peça ficou ao encargo do coordenador do evento, professor do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, João Luis Pereira Ourique, enquanto que a direção coube à acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas, Juliana Braga Mesquita.

Antes do início de todo o processo, havia a necessidade de definição da peça. Para atender a dinâmica do evento, oportunizando uma espécie de diálogo com os temas das palestras e oficinas, foi tomada a decisão de selecionar fragmentos de obras de quatro autores, procurando fazer com que houvesse uma afinidade entre esses esquetes para dar a noção de conjunto necessária. Além disso, como se tratava de um evento acadêmico, a preocupação com as discussões teóricas provenientes das atividades também era importante. Dessa forma, produtor e diretora definiram os seguintes textos: A fala do *Prólogo* na abertura da peça **Deuses de Casaca**, de Machado de Assis. O interessante dessa fala é o fato de Machado de Assis transformar em personagem uma estrutura da narrativa dramática, dotando de personalidade uma função. Com alguns ajustes para a devida adequação com os demais textos, essa fala foi pensada para a abertura da apresentação. Seguiu-se ao *Prólogo* um trecho da peça de João Simões Lopes Neto, **Jojô e Jajá e não Ioiô e Iaiá**. A noção de ampla comédia (já entendida como tendo elementos do teatro do absurdo) por meio do non sense de um casal que *escapa milagrosamente ao suicídio* prepara o público para o monólogo denso da *Dama da Noite* que integra a peça **Cenas de Amor Intenso**, de Caio Fernando Abreu. O

¹⁹ O Seminário *Teatro e Literatura: entre o texto e o espetáculo* foi realizado no Instituto João Simões Lopes Neto, sediado na cidade de Pelotas - RS, nos dias 29 e 30 de novembro e primeiro de dezembro de 2011.

quarto e último texto escolhido foi *A Alface*, parte da peça *O cabaré de Maria Elefante*, do dramaturgo Ivo Bender.

A definição dos textos, no entanto, era apenas parte do processo e dos problemas que seriam enfrentados. O “palco” não era o adequado, visto que se tratava de um auditório para 70 pessoas sem sistema de iluminação, sem ou espaço para troca de roupas dos atores. Dessa forma, os três primeiros esquetes já estariam “prontos” no próprio público, ou seja, os atores acompanhariam a última palestra da noite de encerramento já vestidos com o figurino selecionado. Sem prévio aviso, as luzes seriam desligadas, interrompendo a palestra (combinada previamente com a palestrante que já estaria nos seus encaminhamentos finais) e oportunizando que o *Prólogo* pudesse dar início ao espetáculo, saindo diretamente da plateia. As duas esquetes seguintes fariam o mesmo procedimento - antecipado sempre por um *Blecaute* (que também serviu como elemento de separação dos esquetes) -, culminando com todos os atores (após uma rápida troca de figurino em um espaço improvisado no próprio auditório) encenando a última parte.

Muito do aqui relatado foi pensando e adaptado ao longo dos ensaios. A diretora coordenou os ensaios de atores que se dispuseram, com muito entusiasmo, a participar dessa montagem após o seu contato inicial. Cabe salientar que a dinâmica dos ensaios oportunizou espaço para que a experiência dos atores também fosse incorporada, estabelecendo ajustes e adequações conforme a necessidade (foi exatamente nos momentos dos ensaios que várias das decisões sobre o uso das instalações foram tomadas, por exemplo). Desenvolveram os trabalhos os atores Arthur Malaspina Jr.(*Prólogo* e a *Madre Prudência*), Sirlei Karczeski (*Dama da Noite* e irmã *Piedade*) Francisco D’Avila (*Jojó* e *Dolorosa*) e Monique carvalho (*Jajá* e *Vigília*). Apesar do volume de trabalho a que todos estavam submetidos, foi possível realizar algumas reuniões e marcar ensaios no auditório do Instituto JSLN, assim como na casa de alguns dos atores envolvidos.

O resultado impressionou aqueles que compareceram à noite de encerramento. A surpresa e a articulação entre obras tão distintas ofereceu uma experiência reflexiva, tanto para o público quanto para os envolvidos no processo. Tamanho foi esse impacto que se optou por registrar o trabalho, relatando o processo e transcrevendo a peça com imagens para que o leitor possa ter uma noção da atividade desenvolvida.

A apresentação:

Quatro esquetes de livre adaptação das seguintes obras:

- **Deuses de casaca.** Machado de Assis (esquete do *Prólogo*).
- **JoJô e Jajá e não Ioiô e Iaiá.** João Simões Lopes Neto (esquete da primeira parte da peça).
- **Cenas de Amor Intenso.** Caio Fernando Abreu (esquete do monólogo d' A Dama da Noite).
- **O cabaré de Maria Elefante.** Ivo Bender (esquete da cena A Alface).

CENA 1:

Os Atores estão sentados no meio do público. O seminário é interrompido (blecaute) na fala dos palestrantes.

(*Acendem-se as luzes do corredor*) Surge o Prólogo de Machado de Assis (no meio da plateia, chamando a atenção para si).

- Querem saber quem sou? (*levantando-se no meio da plateia*)

O Prólogo. Mudado (*andando em direção ao palco*)

Venho hoje do que fui. Não apareço ornado

Do antigo borzeguim, nem da clâmide antiga.

Não sou feio. Qualquer deitar-me-ia uma figa.

Nem velho. Do auditório uma ilustre dama,

Valsista consumada, aumentaria a fama,

Se comigo fizesse as voltas de uma valsa (*faz menção a uma mulher na plateia*)

Sou o Prólogo novo. O meu pé já não calça

O antigo borzeguim, mas tem obra mais fina:

Da casa do Campas arqueia uma botina.

(quase chegando ao palco tira sua casaca lentamente e segura com a ponta dos dedos nas costas)

Não me pende da espádua a clâmide severa,

Mas o flexível corpo, acomodado à era,

Enverga uma casaca, obra do Raunier.

Um relógio, um grilhão, luvas e *pince-nez*

Completam o meu traje.

E a peça? A peça é nova. (*no palco*)²⁰

²⁰ Foto da cena:

O poeta, um tanto audaz, quis por o engenho à prova *.(caminha no palco lentamente)*

Em vez de caminhar pela estrada real,
Quis tomar um atalho. Creio que não há mal
Em caminhar no atalho e por nova maneira.
Muita gente na estrada ergue muita poeira,
E morrer sufocado é morte de mau gosto.
Foi de ânimo tranquilo e de tranquilo rosto
A nova inspiração buscar caminho azado,
E trazer para a cena um assunto acabado.

Vai começar a peça.(no meio do palco)

Calo-me. Vão entrar

Atores que desfilarão outros nomes aqui já mencionados ao longo dos dias e das noites.

Vou a um lado observar quem merece a profusão de palmas e de flores..(sai de cena, as luzes se apagam)

BLECAUTE

CENA 2:

João e Jajá e não Ioiô e Iaiá, de João Simões Lopes Neto

(Os atores dispostos na lateral da sala, surgem no meio da plateia)

João –Fecha a porta! (*levanta-se do meio do público e fala em direção a Jaja que esta no outro lado da plateia*)



Jajá – Fecha a janela! *(levanta-se do meio do publico e fala em direção a Jojo que esta no outro lado da plateia)*

Jojó – Ouviste? O badalo do sino da sina assassina deu o ultimo toque!
(caminhando pelo corredor, em direção ao palco, para e fala)

Jajá – *(no momento em que Jojo fala o texto para ela para ouvir)* – responde – Toca!
Que sina assassina! Portanto, nada feito?

Jojó – *(no palco)* – Tudo frito! Tive a ultima recusa, do temos uma porta aberta para sair deste aperto fechado; eu previa... eu previa....e tomei antecipadamente os nossos bilhetes de passagem*(sentados um ao lado do outro)*. Vai –se, e só de ida!
(entrega a Jaja uma corda)

Jajá – *(pega a corda)* – Entendo. *(pega a corda e coloca no pescoço de jojo , a atriz esta atrás do personagem, ela esta de pé e ele sentado)* – E dar uma volta..... e foi se!*(puxa a corda para enforcá-lo)*.... com essa e a dezenovima vez que queres ser depenurado...*(abaixa-se e fala ao pé do ouvido de Jojo)*

Jojó – *(sentado com a corda em seu pescoço)* – Por andar na dependura: mas não chegaremos a vítima.

Jajá – Se eu pudesse tomar alguma coisa antes de ir...

Jojó – Faz como eu toma pulso.... Digamos adeus aos nossos haveres.... ausentes!
Adeus bancos... banquetes... .bank-notes *(irritado e acenando com a mão)*

Jajá – Adeus, Elvira! Adeus! Adeus! *(se despedindo, com emoção)*

Jojó – Eu me enfio aqui *(com a corda no pescoço)* e tu me puxas pra li *(Jajá segura a corda com força e Jojó puxa a arma do bolso)* e tu me enforcas; *(Jajá puxa a corda como se fosse enforcá-lo)*²¹ depois pego nesta espingarda *(ou arma)* e te faço pontaria...*(Jajá leva a mão de jojó ao seu pescoço apontando a arma)*

²¹ Foto da cena:

Jajá - E tu me embalas!(*os dois se embalam, ela com a arma apontada no pescoço e segurando a corda e ele com a corda no pescoço*) Muito bem! (*pausa*) Jojô, tu estas de roupa limpa?

Jojô - Defunto de luxo não precisa! A eternidade.... Assim quer o nosso fatal destino! Adeus ! Nos encontraremos na viagem!

Jajá - Cumpra-se o cruel fado! Ainda uma vez, adeus! (*fechando os olhos*)

Jojô - Aperto? (*com a arma no pescoço de Jajá*)

Jajá - Atiro?

Jojô - Que eu morra, a. Ela sim, não.

Jajá - Sim, ele não! Antes eu!

Jojô - Atira!

Jajá - Aperta! Ah ! Jojô (*tirando a mão de Jojô que segura a arma com raiva*) Ainda uma vez escapamos milagrosamente ao suicídio! (*em pé ao lado de Jojô*) Que queres? Não e por falta de vontade. E sempre assim. (*sentando-se irritada*)Preparamos tudo.



Sempre só nos falta morrer! Mas tu pensas em me salvar (Indo em direção a cadeira para sentar-se)

João – E tu igualmente, a meu respeito!(*tirando a corda do seu pescoço e jogando-a no chão*)

E preciso sai disto. Somos incompreendidos. Que estupidez ter talento.

Jajá – E mau ser-se bom (*olhando para João que esta sentado ao seu lado*)²²

João – Devíamos ter acabado com o século. (*alisando a arma*) Seriamos então o fim do século!

Jajá – Ao passo que hoje somos quando muito dois bichos caretas, iguais a todas as outras caretas de bichos que há por aí!

João - Protesto!(*levanta-se e caminha ate Jajá*) Quem dirá que sob este modesto teto se aninha neste momento solene o par, a junta, o bis, a duplicata mais ambígua do gênero humano! Humano, sim senhora (*com a arma apontada na cabeça de Jajá*) Por que eu sou filho de gente!

Jajá – Sim, verdade. (*com ironia*) Nos vivemos tão dentro um do outro que as vezes nem sei se eu sou tu...(*sentada olhando para João*)

João – Ou se tu sou eu! (*enquanto ela fala ele guarda a arma*)

²² Foto da cena:



Jajá - Cá pra mim tenho que este efeito será o dos fluidos da arte!

Jojo - Sim! Das artes fluidicas que nos prende, nos confunde , nos identifica, nos iguala!(*indo sentar-se*) E como nos iguala, tornando- nos ambíguos a tal ponto e de tal forma que quando torço meu bigode parece-me que e tu que vais te dandinar para as senhoras gentis!(*olhando para Jajá*)

Jajá - Tao iguais, tão ambíguas que, quando arranjo um penteado mais caprichoso, parece-me que e tu que vais ouvir os engrossamentos dos rapazes finos! (*olhando para Jojo*)

Jojo - Se um charuto acendo , tomo uma bengala.

Jajá - Me da não sei o que....parece que sou eu!
Se ponho uma pulseira.... vestido roçagante...

Jojo - Quem se requebra todo?... Quem?... Sou eu!

Jajá - Chega a ser incrível.... Se tu a noite acordas, quem desperta sou eu.

Jojo - Se tu corres e cansas e sufocas, quem arqueja? Eu!

Jajá - Já caiu, quebrou cinco costelas, seis dentes, um braço. Quem inchou? Fui eu!

Jojo - Maganona.... Quando andas com fastio, pálida, irritada, quem enjoa? Eu!

Jajá - La isso e verdade. Mas quem geme?

Jojo - Eu! Porem de quem e a culpa? (*troca de olhares*)

Jajá - Eu!

Jojo - E tal afinidade, tanta a semelhança que,
Quando um toca, logo outro dança

Jajá - Se uma pulga me morde, tu te cocas!
Se eu digo - a minha saia - dizia - nossa.

BLECAUTE

CENA 3:

As luzes se acendem surge no meio do público a Dama da noite de Caio Fernando Abreu.

Como se eu estivesse por fora do movimento da vida (*levanta-se da plateia sem mostrar o rosto, com um copo de uísque na mão*) A vida rolando por aí feito roda-gigante, com todo mundo dentro, e eu aqui parada, pateta, sentada no bar. (*revela devagar o rosto*). Sem fazer nada, como se tivesse desaprendido a linguagem dos outros. A linguagem que eles usam para se comunicar quando rodam assim e assim por diante nessa roda-gigante. Você tem um passe para a roda-gigante, uma senha, um código, sei lá (*em frente ao palco em direção ao público*)²³ Você fala qualquer coisa tipo Bá, por exemplo, então o cara deixa você entrar, sentar e rodar junto com os outros. Mas eu fico sempre do lado de fora.

Aqui parada, sem saber a palavra certa, sem conseguir adivinhar. Olhando de fora, a cara cheia, louca de vontade de estar lá, rodando junto com eles nessa roda idiota – tá me entendendo garotão (*com o cigarro aceso na mão, mexe com algum homem que está na plateia*) Levanta não, te pago outra vodca, quer? (*senta no colo deste homem*) Só para deixar eu falar mais nessa roda. Você é muito garoto, não entende dessas coisas (*levanta e fala olhando para os demais*) Deixa a vida te lavar a cara, antes, então a gente. Bicho, esquisito: eu ia dizer alma, sabia? Quer que eu

²³ Foto da cena:



diga? Tá bom, se você faz tanta questão, posso dizer. Será que ainda consigo, como é que era mesmo? Assim: deixa a vida te lavar a alma, antes, então a gente conversa. Deixa você passar dos trinta, trinta e cinco, ir chegando nos quarenta e não casar nem ter esses monstros que eles chamam de filhos, casa própria nem porra nenhuma. Acordar no meio da tarde, de ressaca, olhar sua cara arrebatada no espelho. Sozinho em casa, sozinho na cidade, sozinho o mundo. Vai doer tanto, menino. Ai como eu queria tanto agora ter uma alma portuguesa para te aconchegar ao meio seio e te poupar essas futuras dores dilaceradas. Como queria tanto saber poder te avisar: vai pelo caminho da esquerda boy, que pelo da direita tem lobo mau e solidão medonha (*apaga o cigarro no copo de uísque e vai saindo*).

BLECAUTE

CENA 4:

A Alface – Ivo Bender

As luzes se acendem entra no palco uma freira (*como se tivesse sido empurrada*)
Adaptação da fala para outro personagem

Freira – Olá gente vim substituir o Claudionor, e ele deu uma fugidinha com a Tianta e pediu para eu ler isto: A intransigência e o patrulhamento existem nos ambientes mais insuspeitos: nos lares mais abertos, nos governos mais democráticos e , naturalmente, entre virgens que renunciaram ao mundo. Para mostrar que o Cabaré de Maria Elefante tudo sabe e nada silencia, pois que aqui se cruzam todos os caminhos da fama e da cama, vejamos o que aconteceu , há pouco, num dos mais severos conventos desta cidade. Com vocês a Alface (*agradece e sai de cena*)

(*música, tipo um tango*) Entra em cena a Madre Prudência (*caminha devagar até sua cadeira no centro do palco*) Senta-se vagorosamente (*sai música*)

Entram em cena outras duas freiras cochichando e colocam-se uma de cada lado da Madre.

Entre em cena a noviça (*mancando*)



Prudência (inquiridora) – Então fostes vós que comeste das hortaliças de nossa horta?

Piedade – Sim, Madre Prudência.

Dolorosa (para Prudência) – E comeu uma alface que não era benta.

Vigília (para Prudência) – Pois que lá no canteiro a colheu e ali mesmo a meteu na boca.

Dolorosa – Foi então que o diabo lhe entrou na garganta e foi encontrada blasfemando, rolando entre repolhos e couves.

Prudência – (para Dolorosa e Vigília) – E que falava a noviça, Irmã Vigília?

Vigília – Dizia ela que deixaria o claustro. Que voltaria para o século.

Prudência – Isso é exato, Irmã Dolorosa?

Dolorosa – Exatíssimo: porque no século, dizia a noviça, ela podia comer de tudo.

Vigília – Sem ter que passar pelos saudáveis jejuns que tanto bem nos fazem ao espírito e à alma.(*tonta, como se fosse desmaiar*).

Prudência – E que dizeis vós, Noviça Piedade?

Piedade – Vos digo, Madre Prudência, que tenho fome e que, quando se tem fome, a boca nada para mastigar e o estômago coisa nenhuma para receber, o nosso corpo fica fraco e o demônio entra nele mais fácil do que entra no inferno.

Dolorosa – Heresia, heresia, heresia!

Vigília – Três vezes heresia!

Dolorosa – Que passe três dias sem pão, que seja proibida de assistir o santo ofício!

Vigília – Até que se purifique!



Dolorosa – Que se mortifique, que se vergaste para punir sua carne gulosa.(*As duas freiras se castigam*)

Prudência – E o que diz nossa irmãzinha? (*as três olham para a noviça*)

Piedade – Digo, madre, que estou faminta. Que minhas tripas se retorçam de fome.(*contorcendo-se*)

Prudência – É o que basta! (*levantando-se*) Afastemos o demônio da maneira mais saudável e eficaz.

Dolorosa (para Piedade) – Serás castigada!

Vigília – E vai ser para o teu próprio bem.

Dolorosa – Três dias sem sair da cela!

Vigília – sem comunhão, sem poder beijar a imagem do divino esposo!

Dolorosa – Nem o sagrado crucifixo te será deixado na cela!

Vigília – Travesseiro e colchão, negados!

Dolorosa – A madeira dura como leito, a parede nua para contemplação!

Vigília – Sim , madre Prudência?

Prudência – Irmã, nós as quatro não iremos ao refeitório. Por isso, vamos comer aqui, nesta minha sala. Precisamos de três galinhas assadas, muita alface com vinagre de mel e óleo de oliveira para regar a verdura, pão preto e pão branco de farinha muito fina, um pote de gorda manteiga e um pernil de porco muito bem condimentado com tomilho e açafrão. Para bebida, não queremos água. Vinho capitoso é o que vamos beber, o mais velho vinho de nossa adega. E, como doce, leves figos cristalizados e uvas róseas bem maduras.

Dolorosa – Madre Prudência...

Vigília – ... como podeis?

Prudência – Se não quiserdes, não comereis. Comeremos eu e nossa Irmãzinha Piedade.

Dolorosa e Vigília – Comeremos, comeremos! (*agarra Madre Prudência*) Como não obedecer uma ordem vossa?

Prudência – Estais certas, filhas minhas. A obediência é a primeira das regras. Agora passemos à mesa e aguardemos orando o frugal repasto com que vamos fortalecer nosso corpo e assim evitar a aproximação da sombra maligna do demônio. (*as três freiras ajoelham-se e rezam*²⁴, Madre Prudência retira, sorratamente, uma banana do hábito, descasca-a e come, tenso o cuidado de não ser vista. Blecaute).

Referências Bibliográficas

(*Por ordem de apresentação das peças*)

ASSIS, Machado de. Os Deuses de Casaca. In: _____. **Teatro**. São Paulo: Globo, 1997.

LOPES NETO, João Simões. Jojó e Jajá e não Ioiô e Iaiá. In: _____. **Teatro**. Pesquisa e estabelecimento do texto: Cláudio Heemann. Porto Alegre: IEL, 1990.

ABREU, Caio Fernando. A Dama da Noite. In: _____. **Os Dragões não Conhecem o Paraíso**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

BENDER, Ivo. O Cabaré de Maria Elefante. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/Igel, 1988.

²⁴ Foto da cena:



Endereços para acessar vídeos da apresentação postados no youtube:

Vídeo 1: <http://www.youtube.com/watch?v=jbFcGw6Ot8c>

Vídeo 2: <http://www.youtube.com/watch?v=OHXg6F-BKFA>